**NARRATIVAS FORMATIVAS DE UMA PESQUISA EM CONTEXTO URBANO**

**Heloisa Josiele Santos Carreiro – FFP/ UERJ**

**Mirtes Soares Pereira – FFP/ UERJ**
**RenataMenezes de Oliveira – FFP/ UERJ**

**Resumo**

O texto apresenta os conhecimentos produzidos a partir de uma encruzilhada de saberes, por meio da qual a literatura demonstra sua habilidade em ocupar espaços públicos, incentivando a formação de leitores. Embasados na construção de biografias que permitem compreender as diferenças e as semelhanças entre pessoas com interesses distintos. Os conhecimentos e as experiências presentes neste resumo dialogam com a pesquisa-formação narrativa, por entrelaçarem as histórias dos sujeitos aos caminhos trilhados na formação docente. Enquanto professoras, buscamos no encontro com a cultura e com o outro a ressignificação de papéis sociais que, no entanto, serão exercidos de acordo com nossas singularidades. A escuta e o estudo das narrativas nos permitem ampliar nosso repertório formativo, por meio da reflexão crítica da atuação que desenvolvemos junto a um projeto de extensão e outro de Iniciação Científica.

**Palavras Chaves:** Pesquisa narrativa; Formação de Leitores; Formação Docente.

**Resumo Expandido**

O texto em tela foi escrito por três pesquisadoras em formação, atuantes do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre infâncias e Educação Infantil (COLEI da FFP/ UERJ). Nosso objetivo é apresentar aprendizagens que se desdobram, a partir de nossa atuação em dois projetos do Coletivo: uma Iniciação Cientifica (IC) e uma atividade de Extensão, como espaços formativos, nos quais uma de nós aprimora e duas outras iniciam suas trajetórias como professoras-pesquisadoras (Garcia, 2003). Informamos que os projetos desenvolvem suas ações em contextos escolares e não escolares. Contudo, o ponto que escolhemos, como encruzilhada discursiva para compartilhar nossas narrativas, foi a Praça dos Ex-combatentes. Assim, traremos ao longo do texto desafios que enfrentamos para planejar e dinamizar uma pesquisa e uma ação extensionista que se desenvolvem em contexto urbano ~~e~~ que compartilham os seguintes objetivos: a) fomentar a formação de leitores e b) criar relações entre o nosso Campus Universitário e a comunidade em seu entorno, através da montagem de uma Tenda Literária na Praça em frente à Faculdade de Formação de Professores (FFP/ UERJ). Trata-se de uma pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) que serve de lócus formativo para os estudantes de nossas licenciaturas.

As questões que mobilizam o trabalho em tela são: que contribuições o contexto não escolar apresenta à formação de professores? Por que pensar aproximações com a comunidade que se localiza em torno do nosso Campus? Qual o papel da leitura literária na formação humana?

O trabalho teórico e metodológico que desenvolvemos se inscrevem nos seguintes campos: i) diálogos com os estudos da Educação Popular (Streck, 2003); ii) estudos sobre a pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica (Passeggi, 2016) e iii) nas pesquisas que versam sobre como os cuidados com as escolhas literárias e o planejamento da mediação qualificam à formação de leitores (Corsino, 2014).

A discussão que trazemos dialoga com um conceito de Passeggi (2016), relevante para nós, as dimensões teóricas narrativas de “adultos em formação”. Assim, ultrapassamos as barreiras da escrita convencional e mergulhamos nas conexões que nos atravessam, acreditando que a escrita possa fluir como flores de fuxico que ao serem alinhavadas umas às outras dão origem a um universo de flores de diferentes matizes. Essas flores, que podem ser interpretadas como nossos desejos e movimentos de qualificação profissional, são transportadas para a Praça e florescem nela pelos fuxicos dialógicos, teóricos e epistêmicos que fazemos nela, logo de um local cimentado, sem flores, brotam flores de fuxico. Ou seja, desabrocham nossas partilhas – *fuxicos* - de conhecimentos sobre as ações extensionistas e investigativas que florescem: na pesquisa, na Praça e em nós, pois pesquisamos a vida. Ao longo deste processo, entramos em um ambiente de troca de ideias, sentimentos e experiências, no qual afetamos e somos afetados em uma relação horizontal, onde circulam "adultos em formação”: estudantes e professora do Ensino Superior e, os passantes de uma Praça pública, que é o palco das nossas pesquisas, onde nossas experiências são transformadas em nossas narrativas.

 Esses alinhavados narrativos que tecemos sobre as atividades de pesquisa do projeto de Iniciação Científica e as ações da proposta de extensão, nos quais as flores de fuxico, são reinterpretadas como um sujeito empírico, aquele latente em cada um de nós, que vive na corda bamba entre a razão e a emoção. Nesse contexto interpretativo, esses sujeitos empíricos – coordenação de projeto, bolsistas e passantes da Praça dos Ex-Combatentes - não são apenas mais um entre tantos outros, mas se diferenciam pela sua multiplicidade de cor, ou seja, pela singularidade nos modos de viver e perceber essa experiência de pesquisa em contexto urbano. Essa singularidade é vital para as ciências humanas.

 Desta forma, podemos interferir no que vemos, pois, já vivemos aquelas situações. Nessa trama, quem está com a agulha nas mãos alinhavando é o sujeito biográfico (Passeggi, 2016), aquele que está em frente ao “Portal de Delfos” e interpreta a mensagem escrita que diz “conhece-te a ti mesmo”. Ele tem coragem de olhar para si e religar conhecimento e autoconhecimento através dos fuxicos dialógicos. Dessa trama, surge, a prática pedagógica em contexto urbano, uma peça, complexa, que se estende em diferentes espaços no chão da escola, o que torna possível a pesquisa-formação, aquela que amplia o processo de humanização, de que forma? Explorando nossos limites, e nos aproximando uns dos outros. Dessa maneira, ouvimos e observamos singularidades e diversidades. Reconstituímo-nos na experiência do outro, em *fuxicos* na Praça, local onde as pessoas podem expressar seus pensamentos e ter um momento de transcender da vida real, através da literatura disponível no chão da Praça. Concordamos com Cândido (2011, p. 176): “ninguém pode passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso”. Assim, vamos encontrando nossas recordações, em nossos memoriais de formação, que nos permitem ampliar os horizontes da pesquisa formação.

 Escolhemos como encruzilhada e ponto de força de nossas experiências formativas, a Praça dos Ex-combatentes, localizada em frente ao nosso Campus Universitário. O espaço é um museu a céu aberto da cidade, possui um rico acervo da 2ª Guerra Mundial. O ambiente é bem cuidado, há pouca arborização, por isso, como espaço de lazer observamos que o seu uso se restringe mais pelas primeiras horas da manhã e à noite. Durante o dia a movimentação se dá pelos passantes em trânsito e pela movimentação de pessoas que se dirigem ao ponto de ônibus que ela abriga.

Nossas pesquisas revelam que além de sua configuração como museu e como ambiente que convida ao lazer livre, no espaço se desenvolvem atividades culturais e esportivas promovidas semanalmente pela prefeitura. Também é um espaço em que os movimentos sociais se organizam para promoção de atividades políticas e culturais e nós da Universidade para dinamização de atividades de pesquisa.

A alegoria que utilizamos para interpretar a Praça dos Ex-combatentes, como uma encruzilhada, é porque nela dois projetos do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI) se encontram para realizar, mensalmente, ações em conjunto, embora a Praça não seja o único campo de atuação das referidas propostas. Gostaríamos ainda de informar que a interpretação da Praça como uma encruzilhada, ou seja, um ponto de força, se faz em diálogo com a breve aproximação que uma das autoras têm com as religiões de matrizes africanas. Aprendemos que as encruzilhadas são espaços nos quais se potencializa a força dos mensageiros entre os Orixás e os homens.

Os projetos que tornam a Praça dos Ex-combatentes um espaço ou melhor dizendo uma encruzilhada de pesquisa-formação narrativa (Passeggi, 2016), potencializando nossas experiências epistêmicas, investigativas e biográficas são: a) a Iniciação Cientifica (IC), *Rodas de contação e leitura de histórias na Praça: pretextos para encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Paraíso, São Gonçalo-RJ*, e a b) proposta extensionista, *Tenda Literária na Praça dos Ex-Combatentes em São Gonçalo: democratizando literatura*.

 As duas bolsistas que atuam nos referidos projetos, coautoras desse trabalho, compartilham das seguintes ações: cuidam do acervo de livros da Tenda; apoiam na feitura e a dinamização dos questionários, além de cuidar da digitalização dos dados gestados por eles; apoiam a montagem da atividade de pesquisa preparando para o dia os materiais que serão transportados por todos do Coletivo; realizam panfletagem na comunidade e na Praça com a agenda semestral dos dias em que a pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) se dinamiza; criam com a Secretaria Municipal de Educação uma agenda de visita a espaços de Educação Infantil que desejam receber a “Tenda Literária Itinerante” em suas instituições; realizam visita quinzenal a uma escola próxima ao nosso Campus Universitário, atendendo turmas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental; e participam das atividades teóricas e formativas ligadas à discussão dos projetos.

 Assim, podemos ver, que apesar dos projetos acima apresentados terem ações isoladas, quando se realizam na Praça dos Ex-Combatentes, há diversas atividades que se entrecruzam, recriam e potencializam a ação investigativa, ultrapassando os seus desenhos iniciais. Por isso, frequentemente usamos a metáfora, da Praça como uma encruzilhada, como um ponto de força, pois recorrentemente é naquele espaço físico de encontro que se potencializa nosso processo criativo, através da gestação de novas ações e estratégias de pesquisa, que são pensadas enquanto realizamos dinamizamos a Tenda Literária. Citamos algumas delas, que aprofundaremos a escrita em outra oportunidade: Novela Virtual; Concurso de Poesia; Ponto de Poesia; Empréstimo de Livros e Produção de Zines.

Nessa empreitada para nossa formação, disponibilizamos a cada dia uma página em branco, onde nossas narrativas começam a ser escritas diariamente em cada movimento, desde a arrumação dos livros e de todo material que pertence a tenda. E nessa caminhada percorrida até a “encruzilhada”, onde converge toda nossa energia, bem como nas atividades de extensão, tecemos narrativas e produzimos memórias, que futuramente se transformarão em novas histórias. Ao ouvirmos também as narrativas estamos em contínua produção de conhecimentos, tanto das necessidades literárias da comunidade, como pela troca de cultura das pessoas que dialogamos ao passarem pela “encruzilhada”.

Se considerarmos a importância da leitura literária no desenvolvimento intelectual da humanidade, podemos traçar um ponto de encontro onde haja estímulos, tanto por parte da comunidade, bem como nossa busca em apresentar o melhor, que seja atrativo e mobilizador. É preciso que se tenha múltiplos gêneros literários para atender a todos os gostos, de forma que se dissipe essa ideia de que literatura é cansativa, mas que desperte o sentimento em todos aqueles que se cruzam conosco nesse ponto de encontro, a Praça dos Ex-combatentes.

Nossa pesquisa revelou ainda muitos transeuntes da Praça que consideram a leitura chata e cansativa. O que queremos, atualmente, com nossas ações de extensão e pesquisa é investir de forma ousada na cultura de floração de afeto pela literatura, que vai além de apenas apreciar uma leitura (Corsino, 2014), mas que pode promover a ampliação do conhecimento, quando expostos às diferentes culturas e ideias que permitem uma ampla compreensão do mundo. E, também rumo à desaceleração de um mundo que olha demoradamente para uma tela e esquece das riquezas que é degustar a leitura de um livro, se deixar influenciar pelo lirismo das poesias e se conectar ~~socializar~~ mais com o mundo literário.

**Referência Bibliográficas:**

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In.: Vários Escritos. 5 ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.

CORSINO, Patrícia (Org.). Travessias da literatura na escola. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

GARCIA, Regina Leite. Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. Psicologia ciência e profissão, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003, <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2024.

STRECK, Danilo. R. Educação para um novo contrato social. Petrópolis: Vozes, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa formação: do

sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Roteiro. UNOESC [online]. 2016, vol.41, n.1, pp.67- 86. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267 Acesso em: 21 de mai. 2024.